

Ao apresentar os conventos da Madeira a autora preocupa-se em integrá-los na vivência espiritual das irmãs que, em Clara de Assis, encontram um modelo de vida contemplativa, realçando a forte presença destas comunidades numa perspectiva e com um cariz marcadamente religioso.

A obra divide-se em três partes contendo ainda um apêndice, índices e um importante conjunto de fontes e bibliografia.

Começando por fazer um resumo acerca da origem da Ordem de Santa Clara (vocaçã, carisma, textos legislativos) apresenta, em seguida, a difusão das Clarissas no mundo, focando a sua atenção em Portugal e nas várias fundações, até ao século XX.

A autora dedica a segunda parte aos três mosteiros da Madeira: Santa Clara, Nossa Senhora da Encarnação e Nossa Senhora das Mercês que desde a fundação até à extinção no século XIX ou até 1910, como é o caso do convento das Mercês, revelam uma vida intensa, documentada pelas fontes que nos legaram, essencialmente de carácter patrimonial. Destes cenóbios referem-se, de forma mais ou menos desenvolvida e, de acordo com o que as fontes permitem, a sua origem e desenvolvimento até à decadência, em múltiplos aspectos desde a estrutura material e económica à vida quotidiana, o governo e a vida da comunidade, a espiritualidade e cultura religiosa, bem como o património arquitectónico e artístico.

Os dois mosteiros da Madeira que têm vida conventual na actualidade: Nossa Senhora da Piedade e Santo António do Funchal, constituem um outro capítulo onde se relata os esforços para a construção destas casas religiosas, dando-se especial relevo ao papel por elas desempenhado quer junto das comunidades locais quer na expansão da Ordem para o Brasil e Açores. Exemplos de fé e de vida de oração estes cenóbios estão hoje inseridos na vida das populações e revelam uma matriz cultural que, só por si, explicam a importância que revestiram as celebrações dos 500 anos da presença da Ordem no arquipélago que Otília Fontoura descreve em Apêndice.

O elenco das fontes existentes para o estudo das Clarissas na Madeira é uma indicação preciosa e pouco conhecida dos historiadores pois engloba além dos arquivos públicos os fundos das casas conventuais estudadas. Na bibliografia, dividida em geral e específica, importa realçar a referência a artigos de jornais que são fundamentais para o estudo da história regional da Madeira na época contemporânea.

Esta obra de síntese inicia um caminho: partindo das fontes mostra uma riqueza que urge explorar. Ao apresentar uma visão de conjunto sobre a presença das Clarissas na Madeira, revela também a necessidade de aprofundar o estudo de cada uma das casas religiosas cujos fundos documentais não estão de forma alguma esgotados.

Perspectivar a vida destas comunidades na sociedade em geral e perceber a diversidade e o dinamismo das suas opções, permitirá ter um conhecimento mais abrangente do mundo das Ordens religiosas em Portugal e da sociedade em geral.

Maria Filomena Andrade

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond – *Mouriscos e cristãos no Portugal quinhentista: duas culturas e duas concepções religiosas em choque*. Lisboa: Hugin Editores, 1999. 180 p.

Depois de muitos livros e artigos que escreveu no âmbito da História cultural e social portuguesa, Isabel Maria M. R. Mendes Drumond Braga apresenta-nos a presente obra,

consagrada aos mouriscos portugueses, uma minoria étnico-religiosa laboriosamente actuante no seio da comunidade cristã quinhentista, na qual deixou profundas marcas específicas, pela maneira como assumiu ecleticamente duas expressões religiosas distintas: uma oficialmente, o cristianismo; outra afectivamente, o islamismo.

Ao longo de todas as suas páginas, a Autora conjuga metodológica e harmoniosamente os recursos da análise e da síntese. A análise é estruturada sobre o estudo directo das fontes da época, principalmente das chancelarias de D. João III e D. Sebastião e dos Processos das Inquisições de Évora, Lisboa e Toledo, sempre acompanhadas de perto por inúmeras obras de referência nacionais e estrangeiras.

As abundantes informações, criteriosamente colhidas nas fontes e subsídios bibliográficos e graficamente colocadas em textos recolhidos, são pontos de partida ou de chegada das exposições que as acompanham. As oitocentas e quinze notas de rodapé que documentam o texto são elucidativos dessa riqueza.

As referidas informações, revelam ainda a perspicácia, a arrumação mental e o sentido da oportunidade de quem sabe lidar com as fontes, delas haurindo aquilo e só aquilo que serve para transmitir ao leitor a sua mensagem. É aí que se manifesta o calibre da *investigadora*.

Por seu lado, a capacidade de síntese revela-se também com maestria naquilo que consideramos o corpo do texto, que ocupa aproximadamente 50% do espaço. É um discurso bem pensado, bem redigido e bem apresentado, que se lê com sofreguidão intelectual. Ele desenha o perfil da *historiadora* que, como é costume, alimenta e delicia o espírito dos leitores, de todos os leitores, daqueles que lêem para se cultivarem intelectualmente e daqueles que, sendo também historiadores, encontram nesta obra um manancial inesgotável de informações e propostas de trabalho.

Na I Parte, depois de um rápido olhar sobre a Europa transpirenaica quinhentista, agitada pela fragmentação do cristianismo em diferentes confissões religiosas, aparecem-nos a bem distinta realidade da Península Ibérica, palco onde a antiga e majoritária comunidade cristã, integrada pelos chamados “cristãos velhos”, conviveu, lado a lado, com duas minorias étnicas, de recente conversão ao cristianismo: a dos cristãos novos de judeus e a dos cristãos novos de mouros, estes chamados simplesmente mouriscos. A autora identifica comparativamente a presença dessas minorias nos dois lados da fronteira que separa Portugal e Espanha e descreve a mobilidade dos respectivos membros dentro da Península Ibérica e nas suas relações com o Norte de África.

Na II Parte, depois de delinear a origem e o roteiro geográfico dos mouriscos portugueses e de os relacionar com os muçulmanos e os mudéjares, a A. caracteriza religiosamente essa minoria, marcada por uma acentuada ignorância doutrinal e ritual. Os seus membros associavam sincreticamente o cristianismo que, em muitos casos, se resumia ao baptismo e a uns tantos ritos mal assimilados, ao islamismo, também ele muito desvanecido, apesar de ser comunitária e secretamente praticado. Praticavam uma religião eclética, em que a vertente cristã não passava de mera aparência, pois a realidade mais funda era islâmica, ainda que também mal assimilada. O superficial conhecimento de ambos os suportes linguísticos, o português e o árabe, contribuía para agudizar esse sincretismo religioso.

Na III Parte, verificamos que os mouriscos formavam um grupo social em acentuado processo de envelhecimento e esvaziamento, à medida que se iam fechando as portas para o ingresso de novos membros em Portugal e que os que cá se encontravam iam também desaparecendo gradualmente: uns porque eram assimilados pela maioria, sobretudo através de casamentos mistos e de cartas de alforria, que lhes permitiam usufruir de um estatuto

social mais dignificante; outros, porque as saudades da família e da terra de origem ou a esperança de uma situação economicamente mais desafogada ou socialmente mais ajustada os desafiavam a tentar a sorte em outros países, sobretudo no Norte de África e no antigo Reino de Granada, onde se respirava um clima de maior tolerância religiosa.

O estatuto económico dos mouriscos não era, de uma maneira geral, muito diferente daquele que caracterizava o estrato mais baixo da maioria cristã-velha. A mais forte fatia demográfica dos mouriscos, fossem eles forros ou escravos, era absorvida pelo sector primário, principalmente pela agricultura; alguns enveredavam pelas vias do comércio e dos transportes. Os mais deserdados da sorte recorriam à mendicidade, enquanto outros, ao contrário, conseguiam singrar na vida e obter privilégios, graças aos serviços que prestavam à nobreza ou ao clero, tanto no Reino como nas praças do Norte de África. As mulheres tinham como principal saída profissional o trabalho doméstico.

A IV Parte constitui uma radiografia do estado de tensão social sempre latente e prestes a deflagrar por causa das diferenças que dificultavam a inculturação, a assimilação e a unidade social. As manifestações das diferenças de viver, sentir e actuar convertiam-se em focos detonadores e difusores da instabilidade e mal-estar sociais. E essas manifestações eram muitas:

- os baptismos cristãos, seguidos de uma contra-cerimónia islâmica, a *Fada*, isto é, um ritual em que, através de sortes, com três palhas ou pauzinhos, se impunha às crianças o nome árabe;

- a dupla celebração (cristã e islâmica) dos casamentos, com a participação, para a versão islâmica, de cantadores e bailadores profissionais;

- a superficialidade com que viviam o culto cristão, mesclado de frequentes incursões à oração ritual islâmica (*Salat* ou *salah*), aos juramentos e às esmolas espontâneas (*Sadaqa*), realizadas em nome de Maomé e dos “santos” islâmicos (*murabitun*)³;

- os horários, os conteúdos e a postura física que acompanhavam as orações e actos rituais, constituíam, por si sós, uma originalidade que irritava os membros da maioria;

- a observância total ou parcial do Ramadão;

- a santificação da Sexta-Feira, exteriorizada pela indumentária festiva de vestir;

- os hábitos alimentares, com abstinência de vinho e carne de porco;

- a tradição de matar os animais, por degolação, ritualmente acompanhada pelo *Bizmilla*;

- a maneira de chorar os mortos, às vezes com o recurso a carpideiras ou pranteadeiras profissionais;

- as refeições rituais em honra dos defuntos;

- o uso de nóminas, amuletos e bruxarias, sobretudo para impetrar a cura das doenças;

Estas e outras especificidades religiosas dos mouriscos eram os principais denunciadores da prática de cripto-islamismo e, consequentemente, da duplicidade de vida de pessoas que, pelo facto de serem cristãs, pelo baptismo, recaíam sob a alçada da Inquisição, que os

³ É de sublinhar que o culto a Nossa Senhora estava bastante arraigado na piedade dos mouriscos, o que é normal, pois, pela vertente cristã, encontravam-na no coração do mistério da Incarnação e, pela islâmica, proclamavam-na Imaculada, Virgem e Mãe do grande Profeta que foi Jesus. Por isso, não é de admirar que encontremos mouriscos a percorrer os caminhos de peregrinação (*hajj*) aos santuários marianos de Nossa Senhora da Tourega, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora da Luz e Nossa Senhora da Cruz e ainda, ao de S. Marcos, no termo de Évora.

condenava como hereges ou supersticiosos. As sanções mais frequentes consistiam em penas espirituais, no pagamento das custas dos processos, em cárcere e em hábito penitencial.

Os mouriscos que praticavam a dissimulação (*taqiyya*) sentiam-se constantemente ameaçados pelos rigores da Inquisição e, muitos deles, acabavam por optar pela emigração para zonas onde as suas vidas gozassem de maior segurança.

Os quadros, o mapa, o gráfico e o anexo que aparecem ao longo da obra permitem-nos uma visualização rápida da matéria exposta e, alguns deles, constituem uma fundamentação factual da mesma.

Em síntese: pela solidez dos conteúdos, pela clareza da exposição e pela apresentação gráfica que a suporta, a obra que aqui recenseamos merece ser lida por todos quantos desejam conhecer ou aprofundar a nossa história de antanho.

Joaquim Chorão Lavajo

MARTINS, Maria Odete Soares – *A Missionaçã nas Molucas no século XVI: Contributo para o estudo da acção dos Jesuítas no Oriente*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa, 2002. Colecção Teses, 2. 317 p.

Originariamente escrita como tese, a obra vem acompanhada de um excelente prefácio da autoria de Luís Filipe F. R. Thomaz. O prefácio apresenta o estudo de Maria Odete Soares Martins como uma pesquisa feita da perspectiva da cultura ocidental. Neste texto introdutório, é evidente algum desconforto de Luís Filipe F. R. Thomaz, o qual fica a dever-se à natureza das fontes da sua orientanda. Os materiais quinhentistas – e do início de seiscentos – sobre as missões católicas em Ternate, Tidore, Baçaim, Amboíno, Halmahera e outras ilhas são, na sua maioria, textos, cartas e relatos de jesuítas, sendo poucos os documentos escritos por membros de outros grupos missionários e quase inexistentes os produzidos pelos próprios habitantes das Molucas ou por «terceiros». Daí que os autores contemporâneos sejam obrigados a ler nas entrelinhas de cada texto. Não pode, é verdade, evitar-se uma certa parcialidade, mas Maria Odete Soares Martins faz um esforço sério para apresentar uma leitura crítica que revela, nas palavras de Luís Filipe F. R. Thomaz, resultados interessantes.

Todos os documentos mais importantes sobre as Molucas no início da Idade Moderna estão disponíveis em antologias bem conhecidas, como as publicadas por Hubert Jacobs, Josef Wicki, Artur Basílio de Sá, entre outros, sendo alguns destes compiladores eles próprios membros da *Societas Jesu* (Jesuítas). A estes materiais podem juntar-se diversas descrições antigas que contêm dados importantes sobre as trocas e relações comerciais e também informações dispersas sobre a vida quotidiana, as tradições religiosas da região e outros aspectos. Mais recentemente, Manuel Lobato, Leonard Andaya, entre outros investigadores, estudaram estas questões, interessando-se sobretudo por aqueles aspectos que tornaram famosos os arquipélagos das Molucas e das Banda: a produção e exportação de cravo-da-índia, noz-moscada e macis.

Na primeira parte do livro, M.^a Odete Martins ocupa-se do contexto, debruçando-se sobre os elementos geográficos e demográficos fundamentais da região, bem como sobre as línguas autóctones e a sociedade, em geral – dados estes que se deduzem das fontes do início da Idade Moderna. O texto centra-se no Norte das Molucas e de Amboíno, sendo